

GOMES DE OLIVEIRA, S. O lugar da linguagem neutra no ensino de língua portuguesa na educação básica: reflexão e relato de prática. *ReVEL*, v. 21, n. 41, 2023. [www.revel.inf.br].

O lugar da linguagem neutra no ensino de língua portuguesa na educação básica: reflexão e relato de prática

Samuel Gomes de Oliveira

samuelgdo@gmail.com

Primeiras palavras

Que espaço ocupa a linguagem neutra nas aulas de língua portuguesa na escola? Esta questão, que pode ser formulada de diversas maneiras, por muitas vezes se coloca diante de docentes do componente curricular Língua Portuguesa. Primeiramente, é importante que se compreenda a motivação por trás das propostas de linguagem neutra. Há a questão do uso de palavras no masculino (como o pronome “todos”, por exemplo) para representar um grupo de homens e de mulheres. Mas há, também, a questão relativa às pessoas de gêneros não binários que não se sentem representadas nem pelas formas no masculino, nem pelas formas no feminino. Assim, quem não se enquadra nas construções entendidas como “homem” e “mulher” pode não se sentir representado por uma fala de boas-vindas do tipo “Boa tarde a todos e todas”, forma que poderia contornar a demanda relativa à não representação das mulheres no uso exclusivo de “todos”. Dessa maneira, o uso de uma forma neutra, como “todes”, resolveria ambas as questões.

Contudo, o funcionamento da marcação de gênero e da concordância nominal do português brasileiro impõe desafios que vão muito além do uso de pronomes. Por esse motivo, tem crescido o número de propostas para uma linguagem inclusiva (que não altera o idioma como o conhecemos, mas propõe substituições a partir dos

recursos da língua, como utilizar “o alunado” no lugar “alunos” ou “alunas”) ou para uma linguagem neutra (que propõe novas formas de uso, como “todes” no lugar de “todos” ou “todas” e “ile” ou “elu” no lugar de “ele” ou “ela”). E como ficam os professores de língua portuguesa em meio a isso? O que devem ensinar? De que forma devem abordar a linguagem neutra em aula?

Uma discussão sobre o lugar da linguagem neutra na escola pode ser encontrada no capítulo que escrevi (OLIVEIRA, 2022) para o livro *Linguagem “neutra”: língua e gênero em debate* (FILHO e OTHERO, 2022). No capítulo em questão, busquei oferecer alguma sistematização sobre como entendo a problemática da linguagem neutra no ensino básico, a qual será retomada, de maneira resumida, na seção a seguir. Após isso, com o intuito de apresentar novas contribuições sobre o assunto, apresento reflexões adicionais a partir de um relato de prática docente que teve a linguagem neutra como foco.

Uma sistematização sobre o lugar da linguagem neutra na escola

Retomo, aqui, os principais aspectos de minha contribuição (OLIVEIRA, 2022) ao livro *Linguagem “neutra”: língua e gênero em debate* (FILHO e OTHERO, 2022). Em primeiro lugar, é preciso destacar que compreendo a noção de gênero, conforme Butler (2017), atrelada a *performatividade*, isto é, a partir da concepção da autora de que gênero é algo que se “faz” por meio de performances sociais. Dessa forma, entendo, a partir de Butler (2017), que gênero não é algo pré-estabelecido pelo nascimento do sujeito, mas sim construído ao longo de sua existência, o que dá lugar para manifestações que não se conformam à lógica binária resultante da tentativa de uniformização a partir da compreensão da heterossexualidade enquanto uma norma a ser seguida. Assim, as construções de gêneros não binários (como *agênero*, *gênero fluido*, *demigênero*, entre diversos outros), e mesmo entendimentos sobre gênero que são avessos à fixidez das categorias, entendendo-as como limitantes (como é o caso da teoria *queer*), colocam em xeque a binariedade de gênero, a qual considera que existem somente homens e mulheres.

Além disso, é essencial pontuar que entendo que os objetivos do ensino de língua portuguesa na escola perpassam a formação cidadã, de modo que as aulas de

Língua Portuguesa devam capacitar estudantes à plena participação social por meio da linguagem (BRASIL, 1998). O objeto de ensino da Língua Portuguesa é, nesse sentido, os *gêneros do discurso*, tipos relativamente estáveis de enunciados que se caracterizam por seu conteúdo temático, estilo e construção composicional (BAKHTIN, 1953/1979; SCHNEUWLY, 1994; ROJO e CORDEIRO, 2004). Portanto, o centro do trabalho em sala de aula deve ser a língua em uso, e deve-se oportunizar que o alunado: leia e reaja de maneira crítica diante de gêneros variados, apropriando-se dos textos para participar e intervir na vida social; produza textos de forma autoral e segura em diferentes situações cotidianas; construa um repertório de conhecimentos que permita a reinterpretção do cotidiano e da relação entre a busca por discursos próprios, a história e as relações de poder (SIMÕES, *et al.*, 2012).

A partir de tais pressupostos, que consideram a língua como uma prática social, fica evidente que as reflexões sobre as propostas de linguagem neutra têm tudo a ver com a escola, devendo ter lugar nas aulas de Língua Portuguesa. Para sistematizar esse entendimento, organizei três motivos que justificam a importância do debate sobre a linguagem neutra na sala de aula:

- (i) a linguagem neutra é um tema socialmente relevante;
- (ii) a linguagem neutra possibilita a compreensão de que a língua é revestida de poder simbólico;
- (iii) o trabalho com a linguagem neutra pode se configurar como uma boa prática de reflexão linguística.

(OLIVEIRA, 2022, p. 190-191)

Considero, então, que a linguagem neutra se configura como um debate sobre a sociedade (i), e que deve ser apresentada enquanto tal aos estudantes, como questão-problema que engloba uma série de aspectos sociais relativos ao respeito à diversidade e à representação a própria diversidade. Além disso, o trabalho com a linguagem neutra permite um debate sobre a língua, a partir da compreensão de que língua e sociedade se retroalimentam, e que a linguagem tanto reflete quanto cria e recria o mundo social, estando revestida, conforme Bourdieu (2008, [1982]), de poder simbólico (ii). Assim, as propostas de linguagem neutra buscam reivindicar a existência de performances não binárias de gênero, renegociando os sentidos e desafiando a própria binariedade da língua.

Por fim, abordar a linguagem neutra é um prato cheio para a construção de atividades significativas de reflexão linguística (iii), uma vez que a compreensão das propostas e dos desafios que as cercam requer uma compreensão ampla do português brasileiro, seu sistema pronominal, sua marcação de gênero de maneira geral, seu sistema de concordância... Em suma, defendo que a abordagem da linguagem neutra na escola deve contemplar tanto um *debate sobre a sociedade* quanto um *debate sobre a língua*, o qual deve se apoiar em uma *prática de reflexão linguística* (OLIVEIRA, 2022, p. 193-194).

Argumento, também, que o lugar que ocupa a linguagem neutra é o lugar que ocupa a variação linguística na sala de aula, uma vez que as formas com marcação de gênero atualmente estão em competição com as formas neutras. Defendo, seguindo Faraco e Zilles (2015), que a prática de sala de aula deva considerar as reflexões sobre a variação linguística, garantindo a “construção de toda uma cultura escolar aberta à crítica da discriminação pela língua e preparada para combatê-la, o que pressupõe uma adequada compreensão da heterogeneidade linguística do país, sua história social e suas características atuais” (FARACO e ZILLES, 2015, p. 9). Assim, não nos cabe, enquanto responsáveis pelo ensino de língua portuguesa, decidir quais usos são melhores ou piores. Ao invés disso, precisamos nos responsabilizar por um ensino que capacite o alunado a tomar suas próprias decisões de maneira informada, compreendendo as consequências e os impactos de seus atos linguísticos e sociais. No que diz respeito ao uso da linguagem neutra, os professores e as professoras de língua portuguesa podem tornar evidente que a variação linguística é uma prática social utilizada como recurso para construções estilísticas (ECKERT, 2012), de modo que usar ou não a linguagem neutra diz respeito às posições ideológicas de quem produz a linguagem, e os usos terão impactos diversos, na medida em que serão interpretados pelos sujeitos a partir dos seus próprios esquemas de percepção.

Em resumo, considero que, se o uso da linguagem neutra é hoje considerado uma questão em aberto, é dessa forma que ela deve ser apresentada na escola. Não se trata, portanto, de eleger uma proposta e ensiná-la como norma, muito menos de apagar a existência das propostas de linguagem neutra, uma vez que as lutas travadas no terreno linguístico devem aparecer nas aulas de Língua Portuguesa. A partir de usos reais da língua e de discussões a respeito da diversidade de gênero, creio que a

linguagem neutra deve ser entendida como tema de pesquisa, fomentando debates e reflexão linguística.

Considerando as ideias aqui organizadas, apresento, a seguir, um breve relato de prática que considerou o uso da linguagem neutra como uma pergunta de pesquisa. Espero, com as reflexões a partir da prática docente, contribuir de alguma forma para o debate sobre o assunto.

O uso da linguagem neutra como pergunta de pesquisa: breve relato de prática

A prática aqui relatada ocorreu em uma escola da rede pública de Canoas (RS) com estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental. Ela teve início em um momento em que a linguagem neutra não era a temática da aula. Enquanto conversava com o alunado a respeito dos elementos e da estrutura da narrativa, explorando recursos presentes nos contos que estávamos lendo, lembrei a diferença entre narrador de primeira pessoa e narrador de terceira pessoa. Como percebi que havia algumas dúvidas sobre o que significava “primeira pessoa” e “terceira pessoa”, utilizei o quadro branco para elencar os pronomes pessoais do caso reto e explicar a questão. Pedi, então, para que minha turma lembrasse quais eram os pronomes, e eu os escrevia conforme os estudantes os elencavam. Quando chegamos nos pronomes de terceira pessoa, uma estudante disse: “Também tem o *elu*, né, sor?”. Em resposta à intervenção, um colega respondeu à estudante, dizendo que o professor não ensinaria esse tipo de coisa, pois aquilo não existia de verdade. A partir disso, outros estudantes começaram a questionar o que seria, afinal, o *elu* sobre o qual a colega havia falado, e se aquilo seria ensinado ou não.

Antes de retomar a explicação sobre os tipos de narrador, expliquei para a turma o que era o *elu* mencionado pela colega. Expliquei, de maneira breve, que era uma das propostas de realização da linguagem neutra, e falei a seu respeito. Enquanto me ouvia falar, o estudante que disse que aquela forma não existia seguia repetindo essa afirmação. Ele foi incisivo em dizer que “ele” e “ela” eram suficientes, e que uma terceira forma não precisaria existir, pois ninguém falava daquele jeito. Falei

a respeito dos usos variáveis da língua, buscando demonstrar que a questão era mais ampla. Em seguida, retomei o assunto anterior, sobre os tipos de narrador.

O incômodo do estudante, contudo, ficou reverberando na minha mente. Achei interessante que a questão toda tenha sido trazida pelo próprio alunado, sendo que uns já haviam ouvido falar da linguagem neutra, outros não, e havia quem fosse contrário a ela. Em um momento posterior, ainda na mesma aula, cheguei perto do estudante que acreditava que *elu* não estava correto, que não precisava existir, e fiz algumas perguntas. A primeira delas foi: se ela e ele já existem, por que será que tem gente que use e defenda o uso do *elu*?

Disse que eu não usava aquele pronome, mas que eu já havia estudado a respeito da linguagem neutra e da linguagem inclusiva, e que sabia que, independentemente da dificuldade de implementação e da estranheza que a forma *elu* poderia causar, eu sabia que a busca por outras formas de expressão linguística de gênero era uma tentativa de fazer com que todas as pessoas se sentissem representadas pela linguagem. Expliquei brevemente sobre a existência de gêneros não binários e lancei outra pergunta: como fazer com que essas pessoas, que não são nem homens e nem mulheres, sejam representadas pela língua?

O intuito da minha conversa com o estudante, composta de perguntas, era justamente estimulá-lo a pensar de forma mais aprofundada sobre a questão. Independentemente de usar a forma *elu* ou não, de defendê-la ou não, acredito que era importante que ele ao menos compreendesse um pouco mais sobre a questão. Naquele momento, optei por apenas fazer alguns questionamentos, sem esperar ou cobrar alguma resposta imediata, mas sim para que ele pensasse sobre o assunto.

Estávamos, naquele período do trimestre, organizando uma Feira de Iniciação Científica na escola, em que todas as turmas seriam divididas em pequenos grupos, cada um sendo designado a um professor orientador, que escolheriam uma temática (dentre quatro opções: sustentabilidade, saúde, diversidade e cidadania) e proporiam uma pergunta de pesquisa. Nossa proposta com a Feira de Iniciação Científica era possibilitar que cada grupo de estudantes pudesse escolher sua pergunta de pesquisa a partir de suas próprias curiosidades e, com a orientação de um professor, se utilizasse do método científico para realizar a investigação. Cada grupo teria de elaborar um resumo e preparar um *banner* para apresentar em um dia específico, em

que a escola receberia avaliadores externos e abriria as portas para a comunidade escolar para o momento de divulgação dos resultados das investigações. Como a questão sobre a linguagem neutra surgiu naturalmente em aula, e o estudante se mostrou intrigado com as perguntas que eu o fiz, sugeri, naquele momento, que aquela temática poderia ser por ele pesquisada e, se esse fosse o caso, eu poderia orientá-lo.

Juntamente com outros dois colegas, o estudante acabou decidindo seguir minha sugestão e, semanas depois, quando as perguntas de pesquisa e os grupos foram definidos, eles decidiram realmente pesquisar sobre a linguagem neutra, vinculando sua investigação à temática da diversidade. Durante as sessões de orientação, apresentei algumas propostas de linguagem neutra e suas dificuldades de implementação, recomendei leituras e sugeri que o grupo delimitasse sua questão de pesquisa. O grupo optou por buscar compreender a aceitação e o uso da linguagem neutra por estudantes da escola, elegendo o pronome “todes” como representativo do uso da linguagem neutra.

A pesquisa foi intitulada “*Todes*”: *o uso da linguagem neutra*, e teve como justificativa a curiosidade do grupo de estudantes em saber se a linguagem neutra, entendida como uma proposta para incluir pessoas de todos os gêneros, seria usada na sociedade. Foi utilizada uma amostra de 43 estudantes da escola em que estudavam, provenientes de outras turmas, os quais responderam três perguntas elaboradas pelo grupo de estudantes: Você apoia quem fala “todes”? Você fala “todes” no seu dia a dia? Você entenderia se alguém falasse “Boa tarde a todes!” perto de você? A hipótese do grupo era de que os entrevistados apoiariam quem fala “todes” e entenderiam o que “todes” significa, mas não usariam a forma neutra.

Como resultado, o grupo descobriu que 48% dos entrevistados apoiam o uso do pronome neutro, e 52% não apoiam, contrariando uma de suas hipóteses. Além disso, confirmando as demais hipóteses, os resultados mostraram que a maioria entende o que significa “todes” (70%), mas não fala “todes” no dia a dia (93%). Os resultados foram sistematizados em gráficos e apresentados no *banner*. Como conclusão, o grupo afirmou que seus resultados mostraram que, como a maioria das pessoas entrevistadas na escola não fala “todes” no dia a dia, e metade das pessoas não apoiam o uso de “todes”, as pessoas podem acabar não usando o pronome

neutro, porque não há um grupo grande de pessoas que potencialize o uso dessa forma.

A partir da prática de pesquisa, os estudantes envolvidos no grupo e os colegas que assistiram ao trabalho aprenderam a respeito da linguagem neutra e puderam refletir sobre seu uso. Embora as perguntas realizadas com colegas de outras turmas sejam simples, elas expõem resultados interessantes: entender o que significa um uso da linguagem neutra é diferente de utilizá-lo, e utilizá-lo é diferente de apoiá-lo. A prática de pesquisa, ainda que orientada, estimula a autonomia dos estudantes: foram eles que escolheram as perguntas de pesquisa, elencaram hipóteses com base em textos lidos e interpretaram os resultados, chegando a conclusões. A partir do estímulo da criticidade do grupo de pesquisa, a investigação fez com que aquele estudante que simplesmente negava os usos da linguagem neutra entendesse melhor do que ela se trata e ainda pudesse refletir sobre as motivações para a maioria de seus colegas entrevistados não a utilizarem no dia a dia.

Considerações finais

Espero, com este texto, ter ofertado possibilidades de reflexão sobre o lugar da linguagem neutra no ensino de língua portuguesa na educação básica. A prática docente aqui relatada não deve ser lida como um modelo fixo a ser seguido, uma vez que ela se insere em uma realidade e em um contexto específicos, muito menos ser compreendida como isenta de equívocos. Ao invés disso, ela está exposta como uma possibilidade de tratamento da questão para que seja criticamente analisada.

Acredito que discussões mais aprofundadas sobre a linguagem neutra, tendo em vista a complexidade da questão, poderiam surgir de maneira mais detalhada no Ensino Médio, etapa em que se espera que os estudantes tenham mais subsídios para compreender o funcionamento das propostas de linguagem neutra, analisando suas potencialidades e limitações. De toda forma, é importante que os professores estejam atentos às próprias demandas e interesses dos alunos e, se elas surgem, como foi o caso do relato contido neste texto, no 6º ano do Ensino Fundamental, quer dizer que elas merecem ser debatidas nesta etapa escolar, ainda que sejam necessárias algumas simplificações ou adaptações.

No caso do relato aqui apresentado, o tratamento da questão acerca da linguagem neutra como uma temática de pesquisa de Iniciação Científica foi uma forma de possibilitar que o assunto fosse abordado com a profundidade possível para aquele momento. Ao invés de ser reduzida a um comentário em sala de aula, sobre ser necessário ou desnecessário utilizar um pronome neutro, a questão recebeu atenção a partir do olhar pesquisador do alunado. Os resultados obtidos pelos estudantes não promoveram conclusões taxativas sobre o uso ou não uso das formas neutras, mas sim serviram para fomentar futuros debates. Acredito que o caminho da ciência e o estímulo à pesquisa, em uma perspectiva de respeito à diversidade, são maneiras de promover o estudo das relações entre língua e sociedade em sala de aula, tão necessárias para a abordagem da linguagem neutra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. *Esthétique de la creation verbale*. Paris: Gallimard, 1953/1979.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 2008 [1982].
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of variation. *Annual Review of Anthropology*, 41, p. 87-100, 2012.
- FARACO, C.; ZILLES, A. Introdução. In: ZILLES, A.; FARACO, C. (Orgs.) *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 7-15.
- FILHO, F.; OTHERO, G. (Orgs.) *Linguagem “neutra”: língua e gênero em debate*. São Paulo: Parábola, 2022.
- OLIVEIRA, S. A linguagem neutra e o ensino de língua portuguesa na escola. In: FILHO, F.; OTHERO, G. (Orgs.) *Linguagem “neutra”: língua e gênero em debate*. São Paulo: Parábola, 2022. p. 177-195.

ROJO, R.; CORDEIRO, G. Apresentação – Gêneros orais e escritos como objetos de ensino: modo de pensar, modo de fazer. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G. (Orgs.) *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2004. p. 7-16.

SCHNEUWLY, B. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G. (Orgs.) *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 2004. p. 19-34.

SIMÕES, L.; RAMOS, J.; MARCHI, D.; FILIPOUSKI, A. *Leitura e autoria: planejamento em Língua Portuguesa e Literatura*. Erechim: Edelbra, 2012.